



XI SIMPÓSIO EM NEURODIDÁTICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

PRESIDENTE FIGUEIREDO/AM – UFAM | 2025

contribuições das neurociências têm se mostrado efetivas na compreensão dos processos cognitivos e cerebrais no que diz respeito à aprendizagem da leitura e da escrita.

REFERENCIAL TEÓRICO

Vivemos em uma sociedade extremamente letrada que nos coloca, enquanto educadores, o desafio de prover meios para que as crianças desenvolvam este aprendizado. A capacidade de ler não acontece como um passe de mágica, é uma conquista a ser desenvolvida, ou seja, envolve um trabalho intenso e requer condições específicas que precisam ser aprendidas e não se pode esperar que aconteça naturalmente e ao mesmo tempo em todas as crianças. A neurociência já descobriu, por exemplo que aprender modifica o cérebro, porém aprender a ler e escrever amplia e permite que novas conexões se estabeleçam, graças à extraordinária capacidade que temos de nos valer de experiências anteriores. (Bransford, 2007). São essas experiências que permitem ao cérebro estabelecer ligações entre estruturas já existentes e são responsáveis por uma verdadeira “reciclagem neural”, que conduz à aprendizagem da leitura, por exemplo.

A leitura para Dehaene (2012) é um simples ato que leitores proficientes o fazem de maneira tão espontânea, que chegam a esquecer que não é um processo simples, envolve o fascínio de compreender como marcas impressas evocam um universo de significados, pois diferente da fala, a leitura não é um processo natural. Aprender, portanto, significa modificar a estrutura das habilidades por meio de novas conexões que vão se integrando progressivamente e construindo novas informações. Não se trata de um ato mecânico, é preciso que novos circuitos assumam novas funções diante de uma determinada tarefa, nesse caso, a leitura é a adaptação do cérebro ajustado ao reconhecimento visual que se propõem a criação de novos circuitos para decodificar “signos” escritos. Esse processo de adaptação/transformação não se faz de forma espontânea, tampouco acontece no vazio, mas requer a inserção da criança no universo da leitura, seja pelas mãos dos pais que leem em casa, ou de situações de ensino em que a criança se envolva de forma intensa e volitiva na cultura da leitura e escrita.

De acordo com as orientações oficiais, as perspectivas teóricas construtivistas/interacionistas visam um processo de alfabetização que não se encerra com a aquisição dos rudimentos da escrita, trata-se de uma construção de um objeto de conhecimento sobre a linguagem que envolve reflexão sobre a ação, portanto não pode ser encarado como uma aquisição passiva. Para Ferreira e Teberosky (1999), a escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade. Enquanto objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções que excedem a aquisição de uma técnica para cumprir uma função social, dialógica e emancipatória. Na perspectiva de Soares (2003, p. 112), "Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.

Nesse cenário as práticas alfabetizadoras tradicionais, até então protagonizadas, foram interrogadas e até mesmo vistas com desconfiança. O que não significou, profundas



XI SIMPÓSIO EM NEURODIDÁTICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

PRESIDENTE FIGUEIREDO/AM – UFAM | 2025

transformações nas práticas efetivadas em sala de aula, embora fossem rechaçadas e tidas como ultrapassadas numa tentativa de evitarem se contaminar. Porém ao esquivar-se delas, caiu-se num “vácuo” que, por muito tempo, levou a uma espécie de “malabarismo pedagógico” e à suposta “perda da especificidade” do trabalho em alfabetização (Morais, 2012). Ainda hoje, professores alfabetizadores buscam caminhos alternativos, muitas vezes mesclando “o novo e o velho” e, seguem sem resposta a esse problema complexo que vem de longas datas.

METODOLOGIA

Esse estudo se deu por meio de revisão sistemática da literatura sobre a alfabetização, priorizando o referencial teórico que está em curso, na sequência procurando estender essas reflexões para os conhecimentos trazidos pela neurociência, acerca da aprendizagem da leitura e a escrita. Nossas análises buscaram possíveis pontos de confluências e aproximações entre as perspectivas trazidas pelas neurociências e o construtivismo que embasa a psicogênese, com vistas em delinear uma proposta que se queira complementar e não excludente. Para isso traçamos o seguinte percurso: a) primeiramente realizamos a consulta à base de dados e buscas avançadas para o levantamento inicial de artigos e livros com foco nos estudos da neurociência e as contribuições ao processo de leitura e escrita. b) com base neste levantamento preliminar, selecionamos os materiais mais relevantes direcionados ao tema em questão. c) após a seleção dos materiais, procedemos com a leitura crítica do material, buscando identificar os principais conceitos e os argumentos que nos ajudem sistematizar as informações acerca da relação entre neurociência e os procedimentos que explicam como a leitura e a escrita acontecem. Por último, realizamos a análise e interpretação dos dados o que exigiu um posicionamento claro sobre os conceitos abordados, para isso nos valem da análise de conteúdo, o que requer categorização dos principais conceitos, buscando compreender como os teóricos que discutem as neurociências podem contribuir com a compreensão da leitura e da escrita no processo de alfabetização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Há em curso no Brasil, diferentes e divergentes pressupostos teóricos orientando a prática alfabetizadora em sala de aula, embora os professores, em sua maioria apontem para a alfabetização construtivista, historicamente os fundamentos que se colocam em disputa apenas se alternam em defender a superioridade de um método sobre o outro. Embora a psicogênese e as neurociências tenham bases teóricas e objetos de estudo distintos, há que se olhar mais detidamente suas possíveis intersecções, a fim de convergir esforços para que o ensino da alfabetização possa o princípio alfabético se faz por meio de uma construção ativa do sujeito sobre o objeto e que esse conhecimento se dá a partir das experiências construídas na relação e na interação com o objeto de ensino, as neurociências apontam que o ato de ler e escrever o cérebro funcionalmente e estruturalmente. Nesse entendimento, para ambas, aprender é uma extraordinária capacidade que o cérebro aprendiz desenvolve, valendo-se de experiências

